



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

O CONTRIBUTO DA ANTROPOLOGIA FÍSICA EM PORTUGAL COMO CIÊNCIA TRANSDISCIPLINAR.

OLIVEIRA, Alexandre Manuel Teixeira

Ano: 1997 | Número: 107

Como citar este documento:

OLIVEIRA, Alexandre Manuel Teixeira, O contributo da Antropologia Física em Portugal como ciência transdisciplinar. *Revista de Guimarães*, 107 Jan.-Dez. 1997, p. 243-283.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

O contributo da antropologia física em Portugal como ciência inter e transdisciplinar - uma possível síntese histórica até finais do século XIX

Alexandre Manuel Teixeira Guedes da Silva Oliveira

Revista de Guimarães, n.º 107, 1997, pp. 243-283

Sumário: Neste trabalho pretende-se efectuar uma abordagem geral dos contributos que a Antropologia física efectuou como subramo da Antropologia. Abordaremos, auxiliados pela história a sua evolução até aos anos 20, do nosso século. Esta escolha em si não é aleatória, porque se encontra ligada à criação em 1918 da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia SPAE, e à figura cimeira do médico e antropólogo António Augusto Mendes Corrêa.

É meu intuito encadear este discurso a partir da Crónica da Guiné, como o ponto de encontro do homem europeu/peninsular,¹ com o exótico, o imaginário, o conhecimento do Outro enquanto ser cultural. Abordaremos autores do século XVI, onde os elementos culturais são fundamentais, quer no respeitante à contribuição dos gramáticos portugueses para o estudo das línguas nativas, transpondo a cultura oral para a escrita, e ao mesmo tempo dotando de alfabetos os dialectos autóctones, quer no que diz respeito à Literatura de Viagens, em particular a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Abordaremos as viagens filosóficas realizadas no século XVIII, para, por fim, entrarmos na segunda metade do século XIX, para falarmos nos primeiros estudos científicos ligados à Antropologia física em

¹ Ver RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo, e o Atlântico*, Sá da Costa, Lisboa, 1963.

Portugal, como suporte dos trabalhos realizados em Pré-história pela Comissão de Trabalhos Geológicos.

É nesta inter e transdisciplinaridade dos antropólogos físicos, e nos seus interesses pela Etnologia e Pré-história, como concepção abrangente da Antropologia tão característica à época, a outras disciplinas como as Ciências Médicas, Ciências Naturais e Históricas que a Antropologia física flutuará durante todo o século XIX, até aos nossos dias.

Evocaremos personalidades como a de Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Pereira da Costa, Paula e Oliveira, Bernardino Machado, Mendes Corrêa entre outros, ligadas à elaboração dos primeiros estudos antropológicos científicos, efectuados em Portugal, de que resultaria na elaboração de sínteses sobre o período Pré-histórico contribuindo assim. para a compreensão historiografia nacional, dentro duma linha largamente conjectural e evolucionista tão comum ao século XIX.

A pelleja dos da ilha da Gomeira he com varas pequenas, assy como frechas, agudas e tostadas com fogo. Andam nuus sem nhûa cousa, de que teem pequena vergonha; scarnecem dos vestidos, dizendo que nom som outra cousa senom sacos em que se os homeês metem.

Nom, teen senom pouca cevada, e carnes de porcos, e cabras, de todo porem pouco. Seu comer geeralmente he leite e hervas, como bestas, e raizes de juncos, e poucas vezes carnes; comem cousas torpes e çujas, assy como ratos, pulgas e pyolhos, e carrapatos, avendo todo por boa vyanda.

*Nom teem casas, mas vivem em covas e choças (...) A mayor parte do tempo despendem em cantar e bailar, porque todo o seu viço he folga sem trabalho (...)*²

² ZURARA, Gomes Eanes de, *Crónica da Guiné*, ed. de A. J. Dinis, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1949, cap. LXXX.

Os primeiros estudos de Antropologia³, como ciência do homem em Portugal, encontram-se ligados directamente aos Descobrimientos e Expansão Marítima, iniciada no período de Quatrocentos. É já exemplo disso a *Crónica da Tomada de Ceuta* (1420)⁴, onde o cronista-mor Gomes Eanes de Zurara (c. 1420-1473/74), se refere aos augúrios, profecias e indícios astrais que os mouros de Ceuta davam como explicação da conquista efectuada pelos portugueses cristãos à sua cidade.

É esta visão do Outro, descrita na referida Crónica no capítulo XXV, “Como os mouros no outro dia olhavam os muros de Cepta e das rezoões que dezia em seu louvor”, que Zurara vincula uma síntese antropológica nascente, na percepção dos vencidos, e que João de Barros irá mais tarde retomar, assim como a historiografia portuguesa do século seguinte, evidenciará na imagem e percepção do Outro, uma tipologia de encontro entre culturas.

Zurara efectua uma interpretação embora incipiente e por vezes inocente, na *Crónica dos Feitos da Guiné* (1453), onde o imaginário, o exótico, o inédito, o conhecimento, e a descoberta estão presentes. Vejamos, então algumas passagens na referida Crónica⁵:

“... Queles moradores da ilha do Inferno⁶, ca som abastados de trigo e cevada e legumes, com muytos porcos e ovelhas e cabras, e andam vestidos de pelles; mas nom teem casas, soamente choças em que pessam sua vida (...) Sua pelleja he com astes damago de pinho, feitas como gramdes dardos, muyto agudas, torradas e secas. (...).

E estes som homeês fortes e ardidos, e teem mulheres certas, e vivem mais como homeês que alguûs d’estes outros;

³ O termo Antropologia, no sentido académico moderno, foi introduzido por Chavannes, professor de Teologia, na obra de *Anthropologie, ou Science Générale de l’Homme* em 1778. A obra é dividida em nove secções que vão desde a antropologia física, à etnologia, psicologia, linguística e mitologia.

⁴ ZURARA, Gomes Eanes de, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Introdução, selecção e notas de Alfredo Pimenta, Clássica Ed., Lisboa, 1942.

⁵ *Crónica da Guiné*, ed. cit., cap. LXXXI.

⁶ Ilha do Inferno, actual Ilha de Tenerife.

pellejam huûs com os outros, no que he todo seu principal cuidado, e creem que há hi Deos.”

O historiador dá-nos, uma poderosa fonte documental, de quase inventário das formas de inter-relação da sociedade observada e seus modos de viver. Encontra-se assim o caminho aberto para o conhecimento e compreensão do novo ou moderno, em suma do etnocentrismo⁷, como personificação da figura natural do universalismo. Neste modelo de interpretação da linguagem pré-antropológica e simbólica, nas suas diversas tentativas de entendimento e posterior explicação, que se introduz dificuldades de forma a que os mesmos possam corresponder à realidade empírica⁸, alada por Zurara.

Esta abertura para a modernidade na obra de Zurara, embora como conquista do universo cristão, com os seus referentes culturais e a mimiese literária dimensionam a história como *res litterario*, como objecto literário. O historiador Luís Filipe Barreto sugere um quadro síntese desta acção antropológica que se prende com a etnologia prático-colonial: “todo o imenso esforço gradativo e contraditório intelectual e existencial da passagem dum atitude antropológica centrada a descentrada, dum concepção do homem apriorística e etnocêntrica a uma etnologia concreta, positiva e universal”⁹.

Embora este conhecimento e compreensão do Outro seja importante, não podemos esquecer que é nesta época, que surge um aumento progressivo do preconceito racial. O poder eclesiástico passou a reconhecer que a humanidade dos cristãos tinha apenas a ver com a cor da pele. Dilema disto mesmo, é o acordo político estabelecido entre os portugueses e o rei do Congo, que se tornou o primeiro bispo negro

⁷ TODORO, T., *La conquêtê de l’Amérique, la question de l’autre*, Seuil, Paris, 1989.

⁸ LIMA, Mesquitela, *Tentativa de Construção de um Modelo (Teórico) para Análises Socio-Antropológicas em Literatura Oral, popular e Tradicional*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, n.º 10, Lisboa, 1977, p. 215.

⁹ BARRETO, Luís Filipe, *Caminhos do Saber no renascimento Português, estudos de história e teoria cultural*, “Temas Portugueses”, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1985, p. 19.

africano a ser ordenado por volta de 1450, mas que nenhum outro voltaria a ser eleito até meados do nosso século, sendo prática de que os nativos convertidos ao cristianismo, com a pele escura, podiam receber formação teológica até ao nível de padre, mas nunca como elemento de pleno direito nas ordens religiosas missionárias, como a dos Jesuítas ou dos Dominicanos¹⁰.

É assim, nesta linha de parâmetros essenciais, para determinar os limites do humano, como são actualmente, a aparência física, a cor, a inteligência, como também o uso da língua e da religião, que Pêro Vaz de Caminha, na sua carta. ao Rei D. Manuel expõe a narração do “achamento” da terra do Brasil, cuja a qualidade literária nos remete para uma precisão descritiva e de animação, nos contactos com os Ameríndios¹¹.

Esta estrutura vai ao encontro do Outro, através da Expansão Marítima, onde o conceito de homem alargava-se consideravelmente, que conduziu os nossos gramáticos portugueses a iniciar a partir do século XVI, o ensino das línguas do Brasil e do Oriente, através do modelo de Cartilha, e duma nova inovação metodológica e pedagógica adoptada. Exemplo prático disto mesmo é da *Cartilha de Tamul e Português*¹², publicada em Lisboa em 1554, por ordem do monarca e da autoria dos gramáticos Vicente de Narareth, Jorge Carvalho e Thomé da Cruz, índios, como vem consignado no respectivo prólogo da edição, sendo estes dos primeiros a serem cristianizados. O método utilizado traduz-se no triplo registo: na linha medial a frase está inteiramente escrita em Tamul, transliterado em alfabeto latino; na linha inferior a oração encontra-se escrita em português. A frase é de estrutura funcional e as fórmulas apresentadas, constituem, verdadeiramente, o método dos exercícios estruturais, sendo a aprendizagem realizada, não

¹⁰ ENCICLOPÉDIA EINAUDI, *Anthropos*. Imprensa Nacional Casa da Moeda,. Lisboa, 1985, p.22.

¹¹ FONSECA, Branquinho da, *As Grandes Viagens Portuguesas*, col. “Antologias Universais” (contém O Roteiro de Álvaro Velho, a Carta de Pêro Vaz de Caminha entre outros trechos), 2.ª edição, Lisboa, 1966.

¹² São raros os exemplares desta Cartilha, sendo uma das existentes, pertença da Biblioteca da Cartuxa de Évora. Em 1970, foi feita uma edição fac-similar pelo Ministério da Educação Nacional.

a partir de quadros gramaticais, nem do vocabulário, mas sim ao nível das estruturas sintáticas¹³.

Já a *Arte da Língua Malabar e Português*, atribuída ao jesuíta Henrique Henriques († 1600) e composta por volta do ano 1548-49, a metodologia utilizada é do, *a b ê c ê*, da língua malabar, efectuando a sua equivalência fonética entre o alfabeto latino e o alfabeto malabar, sendo desenhadas graficamente as suas variantes. Henrique Henriques é portanto um intérprete e tradutor da Língua Malabar, assim como José de Anchieta, também ele jesuíta (c. Tenerife 1533/ 1597), que publicou na cidade de Coimbra em 1595 a *Arte da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*, obra que representa a terceira abordagem das línguas exóticas feitas por portugueses. O padre Anchieta conseguiu adaptar uma língua oral como era o dialecto tupi e transpo-la para a escrita. Como refere Maria Carvalhão Buescu: "Assim, perfeita como a língua do Paraíso a língua tupi alcança, segundo Anchieta e os seus pares, a perfeição que corresponde à pureza do seu povo, o *genus angelicum*, senhor dos reinos utópicos do Continente americano novo cenário das profecias"¹⁴. Neste espírito de criar um alfabeto próprio para a língua tupi, que passa a contar com um suporte escrito, que ultrapassa as barreiras do espaço-tempo, o grande contributo de Anchieta, mas também de todos os gramáticos portugueses que a partir de uma gramática clássica, souberam criar sistemas linguísticos diferentes dentro de um registo universalista como é a língua Portuguesa.

Neste modelo de aventura geográfico, como factor quantitativo e qualificativo no plano humano, moral, social e estético, surge a Literatura de Viagens, como o mais alto valor original da criação literária portuguesa, e ao mesmo tempo, consegue-se descobrir empiricamente. os contornos para a reflexão mais sistemática. das sociedades, levando cada vez mais explicitamente ao comparativismo, que no dizer de Jean Copans é, "material informativo e reflexivo

¹³ BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, *Literatura Portuguesa Clássica*, Ed., Universidade Aberta, Lisboa, 1992, p. 47.

¹⁴ BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, ob. Citada, p. 54.

acumulado, sintetizado sob a forma filosófica ou histórico-antropológica”¹⁵, e que Paul Mercier reforça escrevendo que “recupera uma parte dos conhecimentos antigos do mundo mediterrâneo e irá desempenhar um papel fundamental organizando a descoberta do mundo”¹⁶.

É neste relato de aventura antropológica, na qualidade de observador e testemunhos oculares, factuais e autênticos em toda a sua extensão, que nos falamos estes “viajantes etnógrafos” (cronistas) como João de Barros¹⁷, Damião de Góis¹⁸, Diogo do Couto¹⁹, Fernão Lopes de Castanheda²⁰, e o seu expoente máximo Fernão Mendes Pinto, que através da Cultura dos Descobrimentos é aberto a múltiplas formulações e influências exteriores. Nesta literatura as viagens transforma-se em contos extraordinários ou reais que, de fronteiras do fabuloso e imaginário, do mítico e do simbólico e fantástico, fazem parte do património comum da Humanidade.

O real e o fabuloso existente também nos *Lusíadas*²¹, como consciência do enunciador. A visão da utilização de um discurso gerador do imaginário, no dizer de Maria Carvalhão Buescu, “como motor que gera a utilização e até a instauração de outros códigos que envolvem a vista e o ouvido do leitor que lê a obra, projectando o som de instrumentos, das gaitas, dos sinos, da artilharia, dos ataques, dos tambores e da voz inarticulada (...) toda a linguagem que vai desde de os sinais que parecem inerentes a uma simbólica analógica, até aqueles

¹⁵ COPANS, Jean, e outros autores, *Antropologia Ciência das Sociedades Primitivas?*, Edições. 70, Lisboa, 1977, p. 22-23.

¹⁶ MERCIER, Paul, *História da Antropologia*, ed. Teorema, Lisboa, 1984, p. 30.

¹⁷ BARROS, João de, *Ásia: Década* 9 vols., Lisboa, 1777-1778, e *Crónica do Imperador Clarimundo*, Ed. M. Braga, 3 vols., Lisboa, 1953.

¹⁸ Ver O Processo de Damião de Góis na Inquisição, principal fonte biográfica, foi integralmente editada em Lisboa em 1971, com introdução e notas de Raul Rego.

¹⁹ COUTO, Diogo do, *Ásia*, colectânea em dois vols., na col. “Clássicos Sá da Costa”, Lisboa.

²⁰ CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Ed. M. Lopes de Almeida, 2 vols., Porto, 1979.

²¹ CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, edição comentada por Epifânio da Silva Dias, Porto, (reprodução fac-similar, de 1972). Leia-se por exemplo *Os Lusíadas* nos cantos I, II e V, 88-89, Porto, 1910.

que constituem modelos particulares de determinado grupo ou sociedade²²”.

Eis o contacto com o desconhecido, e a sua assimilação dos novos conhecimentos e de novas compressões culturais, e aprofundamento. que como melhor do que ninguém, Fernão Mendes Pinto (1509/1583), registará e projectará em panoramas pictóricos e virtuais, cheios de mistérios, de coloridos, de cidades marítimas e de bairros flutuantes ruidosos, do aparato religioso das procissões, dos templos religiosos, onde o aventureiro movimenta-se não apenas no quadro da tolerância e igualdade, mas. também da sobrevalorização²³, que no. dizer de.. Levi-Strauss: “a tolerância recíproca supõe realizadas duas condições... por um lado uma igualdade relativa, e por outro, uma distância física suficiente²⁴”. Na sua obra *Peregrinação*²⁵, o mais intenso livro de viagens do século XVI português, e que na reflexão feita por António José Saraiva, Fernão Mendes Pinto “não tem o preconceito da superioridade da sua civilização ou da sua raça, e por isso facilmente assume perante os orientais uma atitude admirativa e atenta²⁶”.

É nesta tendência que a Literatura de Viagens se inserem os seus diversos autores, numa visão pré-etnológica e etno-histórica da distanciação entre o sujeito e o objecto da compreensão-intrepretado, para validar uma explicação universalista do saber, onde se arquitectam quadros informativos profundos, sobre diferentes áreas civilizacionais, desde do continente africano: Marrocos, Cabo Verde, Congo, Angola, Moçambique, Etiópia, quer do continente asiático, como o Próximo Oriente, Terra Santa, Ormuz, Pérsia, Malabar, Índia, Indochina, China e Japão, bem como na América, Brasil, Flórida, que forneceram um imenso banco de dados, respeitante à geografia, antropologia, religião, mentalidades, etc,. Como escreveu Pouillon “é

²² BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, ob. cit., p. 117 e 118.

²³ BARRETO, Luís Filipe, ob. cit., p. 196.

²⁴ LEVI-STRAUSS, Claude, *Le Regard Éloigné*, Paris, 1983, p. 44.

²⁵ PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, Lisboa, 1988.

²⁶ SARAIVA, António José/ LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, 16.º edição, Porto, s/d, p. 304.

enquanto essencialmente outro que o outro deve ser visto. O primeiro mérito da etnografia é fazer desta regra de aparência lógica um imperativo prático”²⁷.

Saindo do vínculo literário (dos primeiros trabalhos efectuados por portugueses). de características. antropológicas, sociais e culturais, salientemos o contributo das primeiras experiências naturalistas, como a. efectuada pelo padre jesuíta Luís Moreno, que diferenciou na Ilha de Madagáscar, em 1613, os próximos lemurídeos (primatas pouco evolucionados que ocupam uma posição muito próxima dos insectívoros), dos símios pequenos do continente africano²⁸, e sobretudo a reflexão etnológica e zoológica existente no Tratado das Drogas e Medicina das Índias Orientais de Cristóvão da Costa²⁹.

A maioria das afirmações de Cristóvão da Costa, centraram-se em torno do outro civilizacional, surgem assim aptidões de aceitação de problemas teóricos ou práticos do conhecimento médico dentro de uma epistemologia científica de diálogo civilizacional, avalizando-se assim o grau de saber dos árabes, indianos e especialmente chineses, mas também as redes de analogia e diferença existentes entre Ocidentais e Orientais a propósito da prática clínica ou da farmacopeia³⁰, exemplo já dado por Garcia d´Orta nos seus Colóquios dos Simples e Drogas da Índia³¹, embora Cristóvão da Costa se encontre bem longe da abertura antropológica enunciada por Garcia d´Horta. O fascínio Cristóvão da Costa pela. civilização chinesa é um claro manifesto de absoluta positividade, e valorização antropológica panegírica que ressalta as qualidades humanas fundamentais³².

²⁷ POUILLON, *Race et Histoire*, Paris, 1967, p. 92-93.

²⁸ CUNHA, A. Xavier da, *Evolução dos hominídeos*, Antropogenese, Est. Gerais Universidade de Moçambique, 1964.

²⁹ COSTA, Cristóvão da, *Tratado das Drogas e Medicinas das Índias Orientais*, Ed. J. Walther, Lisboa, 1961.

³⁰ BARRETO, Luís Filipe, ob. cit. p. 192-193.

³¹ ORTA, Garcia d´, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, Ed. Conde de Ficalho, 2 vols., Lisboa, 1891-1895.

³² BARRETO, Luís Filipe, ob. cit., p. 195.

Nos finais do século XVIII, as viagens filosóficas (expedições científicas), entre as quais, a de João da Silva Feijó a Cabo Verde, de Manuel Galvão da Silva a Moçambique, de José da Silva e Angelo Donati a Angola, com a finalidade de penetrarem dentro do coração da África Negra, porque não esqueçamos que o reconhecimento dos colonos limitava-se à faixa litoral das antigas províncias ultramarinas representaram um ponto fulcral para a compreensão antropológica e zoológica destas regiões, sendo a de maior projecção científica a efectuada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, ao interior da Amazónia e Mato Grosso (1783-1792)³³, que forneceram um acervo de vastas colecções histórico-naturais. Para termos uma ideia do espólio enviado, em 1788, a meio da expedição, Alexandre Ferreira, já tinha enviado treze remessas para o Real Museu da Ajuda. Destes trabalhos escreveram-se importantes memórias sobre os mais variados temas, sendo parte do espólio museológico conservado durante os primeiros anos do século XIX, no Real Museu da Ajuda, para mais tarde ser transferido para o Museu Real do Rio de Janeiro, sendo o restante sido integrado 50 anos depois no Museu Colonial, que abriu ao público a 15 de Maio de 1870. Facto curioso do alvará da criação do Museu Colonial é referir o vasto leque de objectos etnográficos que deviam ser conservados e apresentados ao público para melhor compreensão das colónias: “objectos arqueológicos, legendários, comemorativos e quaisquer outros que digam respeito à História e costumes das nossas possessões ultramarinas”³⁴. Antes do final do século XIX, o Museu Colonial, foi anexado ao Museu da Sociedade de Geografia, com o nome de Museu Colonial e Etnográfico. Ernesto Veiga de Oliveira, diria a este propósito: “até à criação do Museu de Etnografia do Ultramar (...) é o único verdadeiro museu de etnologia geral de Lisboa”³⁵.

³³ Para uma informação mais abrangente, ver catálogo editado para a exposição Memória da Amazónia, realizada em Setembro e Outubro de 1991, pelo Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.

³⁴ Cap. I, art.º 3 do relatório de 26 de Janeiro de 1871 de José de Mello Gouveia, In Diário do governo, n.º 31, de 8 de Fevereiro de 1871.

³⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *Apontamentos sobre Museologia*, Museus Etnológicos, n.º 6, Lisboa, 1971, p. 27.

Como vimos a Antropologia nascente durante o período da Expansão Marítima e Época Moderna, é reflectida no quadro duma concessão de Antropológica Cultural e centrada. pela descoberta do exótico do fantástico e redescoberta dos três Continentes, todas suas inúmeras civilizações e grupos étnicos..

Com o século XIX a Antropologia caminhará para o estudo físico e psíquico, perdendo progressivamente a reflexão filosófica, mas ganhando o estatuto de disciplina científica, em estreita ligação às Ciências Médicas, e enquanto o estudo do corpo humano. Esta inter e transdisciplinaridade de conceitos e técnicas foram assimilados pelos investigadores o que resultou numa progressiva aproximação de todas as questões que podiam ser colocadas a propósito do homem e da sua diversidade. Lançadas estas questões como refere Paul Mercier, “a antropologia foi-se dividindo, devido ao peso da sua própria riqueza, primeiro em duas grandes séries de disciplinas: Antropologia física por um lado (...) e, por outro a Antropologia social ou cultural³⁶”, mas. estas mesmas balizas seriam ensaiadas um século antes por Buffon, Lineu e Blumenbach.

Como refere em síntese Carlos Almaça: “Buffon consagrou os primeiros volumes da sua obra capital, *Historoie naturelle générale et appliquée*, à história natural do homem dedicando mesmo o terceiro volume (de 1749)³⁷, (...) Lineu, em *System naturae* (1.^a ed; 1735, 10.^a ed. 1758) considerou a taxinomia do homem ao tratar dos Mamíferos caracterizando a espécie actual e as suas primeiras raças³⁸. Blumenbach, introduziu no final do século XVIII, o método

³⁶ MERCIER, Paul, ob. cit., p. 10.

³⁷ A novidade do Conde de Buffon consistiu na possibilidade de que as espécies podiam ser instáveis, e foi proposta em termos bastante explícitos em relação ao homem por Lamarck em 1809 e Prichard em 1813.

³⁸ C. von Linné Lineu, classificou o homem Europeu e o Africano como variedade da espécie *Homo Sapiens*, sendo o Europeu com as características claras, sanguíneas, robusto, cabelos lisos, olhos azuis; gentil, arguto, inventivo; completamente vestido e governado por leis, já o homem Africano era negro, fleumático, relaxado, cabelo preto e crespo; de pele fina e nariz achatado, lábios carnudos e as suas mulheres sem pudor e com seios proeminentes, astuto, indolente, negligente, governado pelo capricho; in *Systema Naturae...*, Haak, Leiden, 1735.

comparativo no estudo do homem e restantes mamíferos, em particular primatas assim como no próprio estudo das populações humanas, iniciando o estudo da craniologia e aprofundando a sistemática racial³⁹, Blumenbach, como refere Almaça “foi o verdadeiro fundador da Antropologia Física”⁴⁰.

Estes aspectos elevam a Antropologia ao estudo histórico natural do homem “antes da especialização metodológica que se instalou progressivamente a partir do século XIX”⁴¹. Estes métodos foram assim ligados a técnicas da física e da química, que relacionavam-se com os domínios da Fisiologia e Medicina, assim como as concessões evolutiva descritiva e comparativa ligada à História natural⁴². Isto correspondeu que o conhecimento biológico exigia os domínios referidos e por isso mesmo, foram os médicos os que mais se interessaram sobre o assunto, devido à sua prática clínica. que exigia este tipo de conhecimentos. É oportuno referir que é a partir desta altura que a Zoologia e a Botânica se tornam disciplinas autónomas e de saberes fundados. A sua realidade anterior aos finais do século XVIII, reduziram-se à condição e estatuto antedisciplinar, sintetizados ou diferenciados, em território “subsidiário da medicina”, chamada também de História Natural.

Por outro lado o “conceito de evolução” dinamizou e animou estas investigações a partir da década de 30 do século passado, abrindo perspectivas novas disciplinares nas diversas áreas da biologia, sociologia, filosofia, com discussões ardentes e emotivas que se seguiam às descobertas e teses formuladas como é modelo a J. Boucher de Perthes, que foi o primeiro a formular indutivamente, em 1838, o problema da evolução da humanidade. Desta efervescência, resultaria a fundação das primeiras sociedades eruditas como a Société Ethnologie de Paris, em 1838 e a Ethnological Society de Londres em 1843.

³⁹ ALMAÇA, Carlos, *Uma controvérsia Antropológica de 1881 (Oliveira Martins e Eduardo Burnay)*, Museu Nacional de História Natural, Lisboa, 1995, p. 6.

⁴⁰ ALMAÇA, Carlos, ob. citada, p. 6.

⁴¹ ALMAÇA, Carlos, ob. citada, p. 6.

⁴² MAYR, E, *The Growth of Biological Thought*, Belknap Press, Cambridge, 1982.

Observando estes parâmetros P. Broca, cria em 1859 a Sociedade de Antropologia de Paris, e na década seguinte, defenia a Antropologia subdividida em Zoológica Descritiva, ou Etnológica e Geral. A Antropologia Zoológica como estudo da Anatomia humana e comparada ou seja, a posição do grupo humano relativamente aos seres vivos. A Descritiva ou Etnológica respeitante à distinção e caracterização das raças através dos aspectos fisiológicos, culturais, ecológicos e morfológicos, e por último a Antropologia Geral reverte o grupo humano na sua generalidade ou seja à psicologia, ecologia, à geografia das diferentes raças, etc⁴³. Broca propõe portanto. um. método. experimental, quantitativo, idêntico ao de outras ciências do seu tempo, tentando transformar a Antropologia numa disciplina de observação do indivíduo na família, no seu. agregado,. nas raças, e. nunca numa perspectiva isolada. Por seu lado Paul Topinard e A. de Quatrefales⁴⁴, aparecer-nos na linha do seu mestre, no conceito de uma Antropologia como “um ramo da história natural que estuda o homem e as raças humanas”⁴⁵, utilizando as teses darwinianas para desenvolverem os trabalhos de descrição e de classificação. Aspecto pertinente e que convém salientar é a aparente omissão por destes autores dos problemas sociais e culturais que não se centravam nos seus interesses. A obra de J. Deniker, dos finais do século, revela a maneira como esses aspectos são encarados por esta escola, em *Les Races et les Peuples de la Terre*⁴⁶, os dados etnográficos apenas completam a descrição dos grupos raciais⁴⁷.

Em Portugal tal emergência da Antropologia física, aconteceria na segunda metade do século XIX, que como vimos é a época do evolucionismo triunfante na Europa, conjugada através dos estudos de Pré-história e Etnologia. As linhas de força, dominantes durante estes anos são o positivismo, o nacionalismo, o descritivismo metodológico,

⁴³ BROCA, P., *Instructions anthropologiques générales*, Masson, Paris, 1879.

⁴⁴ QUATREFALES, A. de, *L'Espèce Humaines*, Paris, 1877.

⁴⁵ TOPINARD, Le D'Paul, *L'Anthropologie*, C. Reinwald, Librairie-Éditeur, 4.^a Ed., Paris, 1884, p. 2.

⁴⁶ DENIKER, J., *Les Races et les Peuples de la Terre*, Paris, 1900.

⁴⁷ MERCIER, Paul, ob. cit., p. 45.

o evolucionismo único multilinear, e as explicações de carácter migracionista⁴⁸.

Esta conjugação entre a Antropologia como ciência global do homem, subdividida na Antropologia física, nos seus aspectos biológicos e das Ciências da Terra e da Arqueologia, como ciência do homem no passado, com as suas ramificações à Etno-História, às Ciências Sociais à Geo-história, fizeram a sua dualidade prática e teórica de fundamentação científica durante todo o século XIX, e que a partir dos anos 60 e 70 do nosso século a Nova Arqueologia, pretende fundamentar novamente a interdisciplinariedade dependente da Arqueologia com a Antropologia.

A Antropologia física encontra-se, ligada como vimos a esta dualidade dos vestígios anatómicos/biológicos e tecnológicos, que permitiam seguir a evolução física e o seu desenvolvimento mental, e possível ligação ao seu espólio material. Entre estas duas amarras podemos tentar situar conjuntamente restos anatómicos, tecnológicos e cinegéticos, como índices de organização social, à maneira da paleontologia natural⁴⁹.

Com a publicação *The Origin of Species by Means of Natural Selection*, Londres, 1859, sobre a evolução orgânica, Charles Darwin⁵⁰, vem agitar a polémica do pensamento judaico cristão, fundamentada na criação do homem à seis mil anos atrás, ao dar uma maior antiguidade a este através do elo da evolução humana. Como refere o professor Norberto Cunha, o Darwinismo "ao escrever o homem na escala, gradualmente evolutiva dos seres vivos, retirava-lhe, definitivamente, a pecha divina que aureolava tenazmente, a sua origem adâmica"⁵¹. Imediatamente, em 1865 em Spezia, perto de

⁴⁸ JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira, *Arqueologia Portuguesa no Séc. XX: Alguns Tópicos para um Balanço*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. 36, Porto, 1996, p. 148.

⁴⁹ MORIN, Edgar, *Le Paradigme Perdu: la nature humaine*, Editions du Seuil, Paris, 1973, p. 63.

⁵⁰ Darwin e Wallace (1858), ambos propõem a teoria da mutação das espécies associadas à selecção natural.

⁵¹ CUNHA, Norberto, *Sobre a Natureza e as suas Desigualdades em Oliveira Martins*, Revista Diacrítica, n.º 10, Centro de Estudos Humanísticos, Braga, 1995.

Génova, o primeiro Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica, o estudo do homem primitivo entrava definitivamente nos meios académicos.

Em Portugal teve papel de relevo a Comissão de Trabalhos Geológicos (instituição que actualmente designa-se por Serviços Geológicos de Portugal), criada em 1848 e que se inseria neste movimento europeu, no desenvolvimento da Geo-história e das teorias evolucionistas em voga. Tais aspectos encontra-se ligados à revalorização da cronologia geológica, que por sua vez, se seguiu a um reconhecimento da origem sequencial dos fósseis e à identificação de artefactos humanos em depósitos sedimentares bastante antigos⁵².

A partir dos finais dos anos 50, a referida Comissão dirigida pelo general Filipe Folque, vem a integrar um conjunto notável de geólogos, antropólogos e engenheiros, a maior parte deles pertencentes ao exército, e com provas dadas em diversos estudos de campo. Entre estes colaboradores permanentes contava-se Pereira da Costa, Carlos Ribeiro e Nery Delgado, que ficariam definitivamente ligados à emergência dos estudos pré-históricos portugueses⁵³. Uma vertente diferente de preocupações integrada também na CTG, a dos arquitectos, interessados na preservação do património construído, levou em 1863, à criação, da hoje designada Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Do trabalho realizado por estes investigadores, foram descobertas jazidas arqueológicas de excepcional importância. Logo em 1863 Carlos Ribeiro, devido à sua perseverança e eficácia notáveis, é confrontado com a descoberta do espólio osteológico dos Concheiros de Muge, afluente do rio Tejo⁵⁴, tendo efectuado os estudos de Antropologia física, o antropólogo Paula e Oliveira. O general Carlos Ribeiro, ficaria então conhecido como o pai da Arqueologia Portuguesa, e no dizer de Luís Raposo "o mais activo e o mais conhecido de todos

⁵² ENCICLOPÉDIA EINAUDI, artigo citado, p. 37.

⁵³ SILVA, António Carlos, Diário de Notícias, suplemento "Cultura", 8 de Setembro de 1994.

⁵⁴ Sobre este assunto ver a monografia de Carlos Ribeiro, *Discrição de Alguns Sílex e Quartzites Lascados, encontrados nas camadas dos terrenos do Terciário e Quaternário das Bacias do Tejo e Sado*, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa, 1871.

(...), o maior divulgador das descobertas feitas, muitas delas da sua própria autoria (sítios paleolíticos da bacia do Tejo, antas de Belas, povoado calcolítico de Leceia, etc.)⁵⁵, a ponto de justificar em 1880, a reunião em Portugal do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas realizado entre 19 Setembro e 2 de Outubro.

Nery Delgado contribuiria em 1867, com mais um acrescento à Pré-história Portuguesa com a descoberta das grutas de Cesareda (Casa da Moura, Lapa Furada e Cova da Moura) e que Paula e Oliveira, elaborará em 1889, o valor do índice cefálico médio dos cinco crânios encontradas nas referidas estações arqueológicas. Arqueólogo rigoroso, autor de inúmeras escavações e estudos considerados nos nossos dias notáveis e de grande. honestidade científica. Por sua vez Pereira da Costa, outro curioso insaciável, de uma espantosa erudição, integra-se a partir de 1868 ao estudo mais original da nossa Pré-histórias, o Megalitismo, compilando os seus estudos científicos na monografia *Descrição de alguns Dólmens Antas de Portugal*.

Da contribuição dos trabalhos realizados em Arqueologia e Antropologia pela Comissão, resultaria dois contributos significativos para a investigação do século XIX, a elaboração das primeira sínteses sobre o período pré-histórico em Portugal e do seu contributo para o conjunto da historiografia nacional⁵⁶. Tais êxitos vieram dar alento ao apagado cinzento científico nacional, marcando um momento alto na história da Antropologia e Arqueologia Portuguesa, culminando uma fase de verdadeiro pioneirismo, que dificilmente seria revigorado anos depois, embora nomes como Martins Sarmiento, Estácio da Veiga, Filipe Simões, Leite de Vasconcelos, e tantos outros, que devem ser aqui ser recordados.

É singular a compreensão que a problemática da interdisciplinidade encaminhava estes investigadores. Ávidos pelo saber, souberam ligar as duas disciplinas científicas. Como alude

⁵⁵ SILVA, Armando Coelho Ferreira da, *Pré-história de Portugal*, Universidade Aberta, Lisboa, 1993, p. 18-19.

⁵⁶ SILVA, Armando Coelho Ferreira da, ob. cit., p.19.

Adolfo Yáñez Casal “no caso concreto da antropologia e da arqueologia é por demais óbvio que isoladamente nenhuma delas pode produzir o conjunto de métodos e dos conceitos necessários para a explicação de todas as determinações do seu objectivo (...) provém da necessidade de estabelecer uma unificação da evolução histórica das sociedades humanas”⁵⁷, e como sabemos tais tentativas nos nossos dias são difíceis de realizar.

Um destes aspectos teve haver com o dignado “Homem Terciário Português”. Nas suas campanhas arqueológicas de 1870/71, Carlos Ribeiro descobriu em terrenos datados da Era Cenozóica, alguns “eólitos” que foram objecto de acesas polémicas nos finais do século XIX. Estes sílices e quartzites de pequenas dimensões encontrados na região da Ota, Alenquer, no âmbito das prospecções feitas nos Vales do Tejo e do Sado levaram Carlos Ribeiro, a não duvidar que tais objectos teriam sido fabricados por um homem inteligente, passando assim a defender a tese de existência dos hominídeos no território português desde o Terciário, e a que G. Mortillet, figura destacada na Arqueologia Pré-histórica, prematuramente baptizou de *Homosimius Ribeiroi*, sem ter o mais pequeno vestígio de prova anatómica, o que não obstou a que Mortillet lhe atribuisse também uma estatura baixa, por fabricar sílices de pequenas dimensões⁵⁸. Este achado arqueológico terá contribuído em muito para a realização da IX Secção do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica em Portugal, a que já fizemos referência, e que foi presidido por Andrade Corvo e secretariado pelo próprio Carlos Ribeiro, e no qual participaram algumas das mais destacadas figuras da cultura portuguesa como Nery Delgado, Barbosa du Bocage, Latino Coelho, António Eanes, Teixeira de Aragão, Martins Sarmiento e Possidónio da Silva, etc., estando representados os principais países da Europa, através de antropólogos e arqueólogos, como Lissauer, Schaffhausen, Virchow, Quatrefages, Émile Cartailhac, Antonovitch⁵⁹.

⁵⁷ CASAL, Adolfo Yáñez, *Arqueologia e Antropologia - perspectivas de interdisciplinaridade*, Leba, n.º7, Lisboa, 1992, p. 539-540.

⁵⁸ CORRÊA, Mendes, *História de Portugal*, vol. I, Portucalense, Barcelos, 1944, p. 95.

⁵⁹ MENDES, J. Caria, *As Origens do Homem, Bases Anatómicas da Hominização*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1985, p. 462.

Portanto, este assunto foi a linha mestra do Congresso de Lisboa. Durante a reunião Andrade Corvo, não deixaria de dar a divisa para a discussão:

“A descoberta do “homem quaternário” foi o maior acontecimento da antropologia moderna (...), a descoberta do “homem terciário” seria um acontecimento ainda maior, porque o período que ele acrescentaria à vida da Humanidade seria incomparavelmente mais longo do que aquele que nós conhecemos já”⁶⁰.

Após a visita dos congressistas ao lugar da Ota, o cepticismo persistiu, sendo a discussão encerrada sem nenhuma conclusão. Com a morte de Carlos Ribeiro, passados alguns meses após o Congresso, a ideia de um homem terciário português depressa desvaneceu, incluindo os antigos apoiantes como o já citado Mortillet e de Émile Cartailhac, que reviram as suas conclusões.

Nos anos 20, António Augusto Mendes Corrêa, médico e antropólogo, não recusaria completamente a hipótese do hipotético homem terciário, e em 1925 com a descoberta casual na Quinta das Lages, na Ota, de ossadas humanas bastante antigas, Mendes Corrêa, na esperança de descobrir os restos do *Homosimius Ribeiroi*, desloca-se ao local. A sua experiência de arqueólogo levou-o a constatar que estes restos eram bem mais recentes, do período neolítico. O antropólogo portuense escreverá mais tarde:

“Tendo explorado uma sepultura da idade da pedra polida, que foi descoberta em Vale das Lages (Ota) e que a princípio se imaginou ser do homem terciário, porventura do problemático *Homosimius Ribeiroi*, recolhi perto de dali, com os meus colaboradores, grande número de peças líticas, que teem profundas semelhanças com as de Carlos Ribeiro” e acrescenta: “Ao Congresso Internacional de Antropologia de Amsterdã de 1927, expus as conclusões a que me conduziu o seu estudo. A existência do homem terciário é verosímil, pelas razões já expostas, mas não está demonstrada, pois as peças líticas encontradas

⁶⁰ SILVA, António Carlos, *Diário de Notícias*, suplemento “Cultura”, de 8 de Setembro de 1994.

apresentam formas intermediárias, todas as gradações, entre uma morfologia evidentemente natural e a que se suspeita ser artificial”⁶¹.

Na década de 40,. graças à coincidência do exílio no nosso país do abade Henri Breuil, designado o “papa da Pré-história”, e. com a colaboração dos Serviços de Geológicos de Portugal os achados “eólitos” da Ota seriam dados uma resposta, deixada em aberto, há. 70 anos atrás. Diz Henri Breuil:

“Os “eólitos” terciários foram resultado de acções naturais como o fogo, as acções atmosféricas, a pressão do solo, as acções tectónicas (...), os “eólitos” reunidos por Carlos Ribeiro continha um grande número de peças nitidamente trabalhadas. Estas peças, na sua quase totalidade, tinham sido encontradas à superfície. Várias foram encontradas “in situ”, em depósitos não terciário como se tinha acreditado, mas bem quaternários provenientes do remeximento das camadas miocénicas subjacentes”⁶².

Os primeiros estudos antropológicos dos esqueletos do Epipaleolítico⁶³ de Muge, foram realizados por Paula e Oliveira, sendo depois retomados até aos nossos dias por diversos antropólogos, destacando-se o já mencionado Mendes Corrêa, Roche entre outros. Destes estudos conclui-se que não existe uma homogeneidade de tipo físico humano que predomine, se bem que impere o elemento de cabeça alongada e de baixa estatura. Houve especialistas que olharam para os homens de Muge, como os antepassados dos portugueses, e em geral das populações mediterrâneas, ou do tipo do Combe Capelle e Cro-Magnon ou de doliocéfalos protomediterrâneos⁶⁴.

⁶¹ CORRÊA, Mendes, *História de Portugal*, ob. cit., p. 95 e 96.

⁶² SILVA, António Carlos, *Diário de Notícias*, supl. cit.

⁶³ O termo Epipaleolítico é reservado para a fase inicial do Mesolítico (ou Mesolítico Antigo), durante a qual as tecnologias e os modos de vida são ainda fundamentalmente os do Paleolítico, mas já em época pós-glaciária ou holocénico. O termo Epipaleolítico deve ainda abarcar a totalidade do período em todas as regiões onde o Neolítico não surgiu através de um processo exclusiva ou predominantemente local, como é o caso concreto dos Concheiros de Muge.

⁶⁴ FERREIRA, O. da Veiga, Leitão; Manuel, *Portugal Pré-Histórico – seu enquadramento no Mediterrâneo*, Publicações Europa-América, 2.ª ed., Lisboa, s/d, p. 133.

Paula e Oliveira e Carlos Ribeiro, reuniram nas suas diversas campanhas arqueológicas um total superior de centena e meia de esqueletos (sendo o seu número actual de exumações de três centenas de ossadas, o que constitui a maior colecção antropológica do Epipaleolítico em todo o mundo). Já nas primeiras décadas deste século Mendes Corrêa, e nos anos 40 e 50, Jean Roche continuaram os estudos antropológicos do século passado. Mendes Corrêa manteve-se na tradição anterior, e Roche, aplicou pela primeira vez metodologias arqueológicas modernas, tanto no plano de trabalho de campo (ao nível das observações estratigráficas e das estruturas de habitat), como na datação calibradas efectuados a. algumas amostras de carvões pelo método do radiocarbono^{65 66}.

Numerosos estudos continuaram até aos nossos dias, mostrando os homens de Muge, como uma sociedade de múltiplas facetas contraditórias, de que "os bons selvagens" do nosso Epipaleolítico, poderiam também conhecer os conflitos e a violência permanente, como é demonstrado nos estudos antropológicos efectuados por M. Telles Antunes e A. Santinho Cunha, onde alguns crânios e ossos apresentaram lesões provocadas por instrumentos perfurantes-contudentes, nas vítimas, incluindo deformações e eventuais esmagamentos de cabeças^{67 68}.

A partir de 1882, os trabalhos de Antropologia física, ganharam novo alento com Ferraz de Macedo e Arruda Furtado, que desenvolveram estudos em diversos crânios dos cemitérios de Lisboa, dedicando-se alguns anos depois à especialidade de antropometria sinalética⁶⁹. É nesta vertente antropométrica, termo que acompanhou

⁶⁵ RAPOSO, Luís e SILVA, António Carlos, *A Linguagem das Coisas – Ensaios e Crónicas de Arqueologia*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1996, p. 312.

⁶⁶ Ver ROCHE, Jean, *Algumas Características da Indústria do Mesolítico Antigo de Muge (Portugal)*, *Arqueologia*, GEAP, n.º 2, Porto, 1980, p. 12-18.

⁶⁷ RAPOSO, Luís e SILVA, António Carlos, ob. cit. p. 317.

⁶⁸ Ver ANTUNES, M. Telles e Cunha, *Santinho, Violência, Rituais e Morte entre os "Bons Selvagens" de Muge*, Academia das Ciências de Lisboa, tomo XXXII, Memórias, Lisboa, 1992.

⁶⁹ A antropometria é a parte da Antropologia Física que se ocupa da determinação de medidas nas diversas partes do corpo humano, cabendo à sinalética a função de

o movimento geral comum a toda a Europa da segunda metade do século XIX, que a Antropologia Portuguesa começou a tentar a sua aplicabilidade. O leque da investigação antropológica abre-se também às Províncias Ultramarinas. A partir de 1880, o Ministério da Marinha e Colónias, fará diligências durante a década de 80, ao seu pessoal sanitário e administrativo das colónias, determinando a observação e relato de crânios humanos e o seu posterior envio para a metrópole onde deveriam ser objecto de estudo⁷⁰. Situação já anteriormente ocorrida nos Países Baixos, a partir de 1870, onde os futuros administradores das Índias holandesas passariam a receber formação antropológica. Este aspecto em Portugal, pode-se entender se relacionarmos a dualidade do reconhecimento. geográfico. e a delimitação de fronteiras africanas imposta pelo mapa cor-de-rosa, e a imergência na constituição de um atlas antropológico e etnológico para o conhecimento das diversas etnias existentes nas nossas antigas colónias.

Na cidade do Porto, os estudos de Antropologia Física foram alvo de diversas dissertações na antiga Escola-Médica-Cirúrgica desta cidade, destacando-se os trabalhos nas áreas dos problemas da aclimação nas colónias, da regeneração social, da raça, da hereditariedade, o do casamento, em especial nos consanguíneos, que abordou o professor Morais Caldas, mas é no âmbito relativo à marginalidade que mais atraiu estes investigadores, como são exemplos a tese do prof. Roberto Frias que apresentou em 1880, sobre *O Crime – Apontamentos para a sua Sistematização*, um ano depois a de João António Pereira, sobre *As Prisões*; a de Sérgio Moreira da Fonseca, em 1901, com o tema *O Crime – Considerações Gerais*, o prof. Álvaro Teixeira Bastos na temática da *Tatuagem dos Criminosos*, em 1903, e um ano depois a de Manuel José de Oliveira, com a

registar os sinais, marcas ou cicatrizes por onde se possam identificar as pessoas. A antropometria sinalética é ainda utilizada nos nossos dias para identificar os (possíveis) criminosos.

⁷⁰ DIAS, Jorge, *Os Macondes de Moçambique, – Aspectos Históricos e Económicos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Instituto de Investigação Científica Tropical, vol. I.º, 1.ª reedição, Lisboa, 1998, p. VI.

designação *O Problema de Lombroso – Estado Crítico de Bio-Sociologia*, mas também foram focados aspectos como a da evolução do homem com a dissertação de António Maria de Carvalho, *O Homem e a Teoria de Darwin (Esboço Histórico)*, e a de 1886 de José Leite de Vasconcelos, e ao qual se deve uma obra monumental no campo da Arqueologia, da Etnografia, do Folclore, Filologia, e que defendeu. tese licenciatura com um trabalho intitulado *A Evolução da Linguagem – Estudo Antropológico*⁷¹.

Com a implantação da República e a conseqüente transformação das Escolas Médico Cirúrgicas em Faculdades de Medicina⁷², é fundado o Instituto de Anatomia do Porto (hoje designado Instituto de Anatomia do Prof. J. A. Pires de Lima), que a partir desta data até inícios dos anos 30, efectuara investigações sistemáticas nos domínios da Anatomia Macroscópica, de Antropologia física (nela incluída e as partes moles)⁷³, em continuidade portanto da Antiga Escola, da qual herdou o espólio museológico do Museu Anatómico, e que foi sendo enriquecido até aos nossos dias.

Desta intensa actividade científica, seria fundada em 1888, a Sociedade Carlos Ribeiro, sendo seu presidente Júlio de Matos. Nos seus estatutos, tinha como principal finalidade “o estudo das ciências naturais, “elucidando sobretudo as questões que possam interessar o espírito do país”⁷⁴, e que publicaria no ano seguinte a Revista de Ciências Naturais e Sociais, à qual sucederia há precisamente um século atrás outra publicação de cariz mais epistemológico, a revista Portugália.

A Sociedade dividia-se em quatro secções: sendo a primeira dedicada aos aspectos da Geologia e Paleontologia; por sua vez a

⁷¹ CORRÊA, Mendes, *A Escola Antropológica Portuense (Resumo)*, In Congresso do Mundo Português, Congresso da Actividade Científica Portuguesa, vol. XII,. Lisboa, 1940, p. 420-421.

⁷² Diário do Governo de 24 de Março de 1911.

⁷³ TAVARES, Abel Sampaio, *Cinquenta anos de Anatomia Portuense (1911-1961), perfil e obra dos Profs. J. A. Pires de Lima e Hernâni Monteiro*, O Médico, separata 108-117, Porto, 1984.

⁷⁴ CORRÊA, Mendes, ob. cit., p. 623.

segunda às disciplinas da Zoologia e Botânica; uma terceira, à Antropologia e a última aos estudos etnográficos.

Da intensa actividade científica da Sociedade, saíram artigos de grande nível académico, como de Émile Cartailhac, *Les Âges Pré-Historiques de L'Espagne et du Portugal*. Ricardo Severo, publicou o primeiro artigo científico da Pre-história das nossas antigas possessões ultramarinas *Primeiros Vestígios do Período Neolítico na Província de Angola*, assim como o primeiro trabalho português em antropologia colonial de Fonseca Cardoso que diz respeito à Índia *O indígena de Satary*, e Leite de Vasconcelos, ainda estudante de medicina, escreveria um artigo sobre o tema da *Linguagem Popular do Porto*.

Como referimos à Revista de Ciências Naturais e Sociais, sucederia no voltar do século a revista Portugália, sendo seus impulsionadores, Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, José Fortes e Rocha Peixoto, lente efectivo de Mineralogia e Geologia, na Academia Politécnica do Porto. O grupo da revista inter e transdisciplinar das Ciências, destacou-se pelos seus trabalhos meritórios no campo da Antropologia física, Etnografia e Pré-história, como são exemplos artigos como *O Minhoto de Entre Cávado-e-Áncora, o Poveiro e a população serrana de Castro Laboreiro* de Fonseca Cardoso, o trabalho conjunto de Ricardo Severo e de Rocha Cardoso sobre o *Ossuário da Freguesia de Ferreiró*.

O labor do grupo Portugália terminaria em 1908, com a ausência para o Brasil de Ricardo Severo e o falecimento de Rocha Peixoto. A revista publicou nos seus nove anos de actividade oito fascículos de grande relevância científica, abrindo a partir daqui um vazio na divulgação científica portuense durante uma década, e que só veria a ser colmatado com o nascimento a 26 de Dezembro de 1918, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, e da publicação até aos nossos dias da revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, tendo como seu fundadores Luiz Viegas (presidente) notável professor de Anatomia, Bento Carqueja como vice-presidente, Mendes Corrêa,

José da Rocha Ferreira e Abel Salazar⁷⁵. O médico Mendes Corrêa, veria a ser figura destacada e incontestada. dos estudos antropológicos do nosso século, em especial no que dizem respeito às características biológicas ou físicas do homem, defendendo aliás teses evolucionistas, sendo fundador e primeiro director do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências⁷⁶, que hoje tem o seu nome. Numerosas foram as investigações e trabalhos morfológicos deste Departamento nos domínios da Antropologia física, do esqueleto, partes moles de carácter anatómico, centrados no avanço do conhecimento antropológico dos portugueses, quer das populações das Colónias Ultramarinas.

Factor de afirmação notável para o desenvolvimento da disciplina de Antropologia em Portugal foi a sua integração no ensino Universitário. A 2 de Julho de 1885, por decreto de D. Luiz, foi criada a cadeira de Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia, Pré-histórica na Universidade de Coimbra, sendo seu introdutor Bernardino Machado (1851-1944), personalidade forte na vida política da época e inicialmente defensor do regime monárquico, chegando a ministro no primeiro governo de Hintze Ribeiro, nos anos 90; – professor universitário da Faculdade de Filosofia e membro do Conselho da Instrução Pública, grã-mestre da Maçonaria, adere ao Partido Republicano em 1903, tornado-se um dos seus maiores propagandistas e defensores, chegando a presidente da República⁷⁷.

Já em 1883, Bernardino Machado, tinha apresentado na Câmara de Deputados, um projecto de lei em que propunha a criação da disciplina de Antropologia, em detrimento da disciplina existente de Agricultura, Zootécnica e Economia Rural e Ensino da Arte de Minas. Bernardino Machado justificaria a introdução da cadeira de Antropologia, como charneira entre dois níveis científicos: o da

⁷⁵ JORGE, Vítor Oliveira, *Preâmbulo*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. 38, (3-4), Porto, 1998, p. 7.

⁷⁶ Diário do Governo, II série, n.º 6 de 8 de Janeiro de 1920.

⁷⁷ CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal – Desde a Fundação da Nacionalidade até o fim do Regime de Salazar-Caetano*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., Lisboa, 1996, p. 640.

explicação natural e o da compreensão espiritual dos seres humanos⁷⁸. A sua formação científica de professor de Física e de Antropologia, não deixaria de se reflectir na vastíssima obra didáctica e política: explanando os seus conceitos acerca da educação que costumava estabelecer, com frequência, um paralelo entre a evolução cultural e a evolução biológica do homem, atribuindo à escola uma função maternal na medida em que esta deveria actuar como gestação do homem culto⁷⁹.

Com um percurso académico fulgurante, obtém aos 24 anos o grau de licenciado em Física, e aos 26 anos o de Doutor em Matemática, e de professor substituto da Faculdade de Filosofia, com as seguintes dissertações em Teoria Mecânica da Reflexão da Luz (segundo Fresnel), Leis dos Pequenos Movimentos Periódicos Próprios da Força Elástica e Teoria Matemática das Interferências. Com 28 anos de idade tornar-se professor catedrático.

Nos *Apontamentos de Antropologia*⁸⁰ que Bernardino Machado, realizou como sebenta para os seus alunos, podemos encontrar os conceitos e vocabulário fundamentais para o entendimento da nova disciplina. A terminologia centra-se essencialmente sobre a superfície craniana, dividindo o crânio em interno endocrânio, e externo exocrânio, a cabeça óssea, incluindo a caixa craniana e o crânio cerebral, bem como a face, denotando-se portanto a influência imprimida e proposta pela escola Antropológica de Paris, onde o método experimental, exigia um grande rigor na observação. Mas, será com o texto doutrinário, *Princípios de Antropologia* que Bernardino Machado, contribuirá para o desenvolvimento da Antropologia física em Portugal, e refere que a Antropologia: "... hoje

⁷⁸ ROSA, Elzira Machado, *Mostra Nacional Bernardino Machado*, Catálogo, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalição, Braga, 1995, p. 14.

⁷⁹ ROSA, Elzira Machado, outros Autores, *Antologia de Autores Famalicensenses*, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalição, Braga, 1998, p. 357-358.

⁸⁰ MACHADO, Bernardino, *Apontamentos de Antropologia. (1895-1896)*, Typ. e Litografia Minerva Central, Coimbra, 1995.

em dia tem uma acepção mais lata, pois nela cabe tanto o estudo propriamente físico, com espiritual do homem⁸¹”.

Estava dado o mote para o aperfeiçoamento que vai conhecer a Antropologia física, que caminhará para o estudo do corpo humano sob uma perspectiva matemático-geométrica, que contará com o auxílio de instrumentos como o antropómetro para medir, respectivamente, o comprimento do braço e a largura dos ombros, o compasso articulado para o comprimento da cabeça ou o compasso de deslizamento para medir a altura superior da face. É neste método quantitativo que na prática significa a osmose entre a Antropologia e a Antropometria, tende a ser referência central do homem⁸². É nesta perspectiva que Bernardino apresenta-nos a Antropologia como meio para “chegarmos ao conhecimento de nós mesmos”, porque “as ciências com todas as suas leis vão-nos dando as leis espirituais e sobretudo a lei moral⁸³”.

Contudo a Antropologia física, vai saber colher no terreiro nas Províncias Ultramarinas, a legitimidade e o reconhecimento que lhe permitiram afirmar-se no campo académico⁸⁴. Bernardino Machado escreverá: “como colonizadores que somos, directores de raças inferiores (...) que nos formaram, e são tantas”⁸⁵. Este conceito colonial de Bernardino Machado, é mais entrelaçado do que à primeira vista possa parecer. Não podemos encontrar presente qualquer legitimação colonial, onde possa imperar a dicotomia opressor/colonizador, oprimido/ colonizado, ele escreverá em *Pela Liberdade*: “o nosso código de justiça é uma declaração de direitos (...) A liberdade, difundindo-se cada vez mais, vai até aos antípodas, onde já investe as raças indígenas na faculdade de legislarem por si na própria língua. Não atrofiem, não martirizem os recém nascidos com

⁸¹ MACHADO, Bernardino, *Princípios de Antropologia*, Arquivo Municipal Bernardino Machado, V. N. Famalição, s. d., p. 6.

⁸² LIMA, Joaquim, *Princípio de Antropologia em Bernardino Machado*, notas por mim registadas da comunicação apresentada no Colóquio, Bernardino Machado, o Cientista, o Político e o Pedagogo, realizado a 6 e 7 de Nov. de 1998, em V. N. de Famalição.

⁸³ MACHADO, Bernardino, *Princípios de Antropologia*, ob. cit.

⁸⁴ JORGE, Dias, *Os Macondes de Moçambique*, ob. cit., VII.

⁸⁵ MACHADO, Bernardino, *Princípios de Antropologia*, ob. cit.

faixas!⁸⁶. Não podemos esquecer que Bernardino Machado professa a teoria evolucionista e como todos os evolucionistas dos séculos XVIII e XIX, acreditava que as sociedades primitivas representavam de certa maneira uma sobrevivência da antiguidade; mas as ilações retiradas dessa crença modificaram com o tempo⁸⁷, e Bernardino adaptou-se a este processo.

O que se encontra em causa é o próprio direito à liberdade, contra a escravidão, e a igualdade plena de cidadania dos povos colonizados. Em Bernardino Machado existem ainda raças inferiores, ao qual no pensamento do autor é imperativo moral do civilizado de auxiliar, ou seja parte do pressuposto de que os povos autóctones são povos atrasados, e que é urgente ajudar a desenvolver, num sentido paternalista, considerado normal para a época⁸⁸.

Em verdade, convém referir que com o avanço da industrialização a partir dos inícios do século XIX, e o seu conseqüente progresso tecnológico, veio criar um fosso cada vez mais profundo entre a Europa e as suas colónias. Daqui resultou crença de legitimação de superioridade natural do homem branco, para poder corroborar a sua presença em especial no Continente Africano. Tais aspectos justificavam-se também pela combinação de factores que amalgamaram os interesses taxonómicos dos zoólogos, dos evolucionistas e dos historiadores sociais, pela comparação que o homem branco era biologicamente superior, não tanto porque a raça branca tivesse progredido materialmente, mas porque as raças de cor tinham-se degenerado, e que os europeus eram socialmente superiores, devido a toda história civilizadora⁸⁹. Como assinala Spencer, na sua obra *Social Statics*: "o progresso não é um acaso, mas uma necessidade. A civilização não é um artefacto, mas faz parte da

⁸⁶ MACHADO, Bernardino, *Pela Liberdade*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1901.

⁸⁷ ENCICLOPÉDIA EINAUDI, artigo cit. p. 34.

⁸⁸ LIMA, Joaquim, *Princípios de antropologia em Bernardino Machado*, comunicação já cit.

⁸⁹ ENCICLOPÉDIA EINAUDI, artigo cit., p.31.

natureza, do mesmo todo a que pertence o desenvolvimento do embrião ou o desabrochar de uma flor”⁹⁰.

O primeiro professor de Antropologia na Universidade de Coimbra, foi Henrique Teixeira Bastos, dividindo a disciplina em duas secções: A primeira correspondia à Antropologia zoológica, onde eram estudados a Osteologia dos Primatas, alguns caracteres fisiológicos, e os caracteres psíquicos do Homem, na segunda parte eram estudadas as disciplinas de Antropologia geral e a Arqueologia Pré-histórica.

Sucederia a Henrique Teixeira Bastos, na cátedra de Antropologia, o seu próprio fundador, Bernardino Machado, que como já vimos impulsionou fortemente os estudos de Antropologia física, e a série de memórias publicadas nos trabalhos da aula de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Da reforma universitária de 1911, o programa para a cadeira de Antropologia veria a ser alterado, constando agora a par da secção de Antropologia física a Antropologia social ou cultural, tendo como objectivos dominantes, estudar os problemas sociais e influência do ambiente, sobretudo ao nível climático.

Na mesma Universidade, Barros e Cunha promoverá entre 1912-13 o curso livre de Etnografia Colonial, onde foram abordados as características dos povos autóctones das antigas Províncias Ultramarinas, numa perspectiva de Antropologia cultural, sendo estudados a suas múltiplas composições étnicas e etnográficas, costumes, religiões, arte, folclore, linguística, entre outros assuntos focados.

O presente trabalho que acabamos de apresentar centrou-se numa ideia surgida no seminário Bases Epistemológicas e Hermenêuticas do Discurso Antropológico orientado pelo professor Adolfo Yáñez Casal, onde o fulcro das nossas atenções era a interdisciplinariedade das Ciências Sociais e Humanas a outras áreas do saber. Tentei interagir a interdisciplinariedade das diversas disciplinas científicas, tendo em atenção “os antecedentes, as clivagens

⁹⁰ SPENCER, H. *Social Statics*, Williams and Norgate, London, 1951.

e o foi condutor que privilegia o reencontro da Antropologia como um dos padrões epistemológicos da ciência⁹¹.

Evidentemente, que esta possível síntese histórica da Antropologia física em Portugal, como ciência inter e transdisciplinar, não se encontra esgotada e esta preposição final deste raciocínio é sinal evidente que o seu estudo encontra-se por fazer para se poder tirar as devidas conclusões e reflexões sobre o tema proposto.

Se os interesses principais da Antropologia no século XIX, reflectiam aspectos como a problemática da espécie Homo e as suas relações com outras espécies animais; a ligação directa à interpretação dos achados arqueológicos das culturas humanas do passado, estes interesses actualmente encontra-se ligados a considerações como o da diversidade do homem moderno e a sua variação genética nas populações humanas, mas também animada pelos etólogos, entre o comportamento animal “versus” comportamento humano.

Com o auxílio das novas tecnologias, progressos nas datações calibradas, métodos e técnicas mais sofisticadas nas escavações arqueológicas, somos arrastados nos dias de hoje, para dentro de uma escala geológica vertiginosa, de como e quando se deram lugar os grandes eventos dos homínídeos, entre os quinze milhões e um milhão de anos.

Estamos por isso bem longe das ideias dos filósofos-antropólogos do século XVIII e XIX, que tinham como relevância nos seus estudos as relação do homem com o macaco para a compreensão das origens culturais desse mesmo homem, embora assista-se presentemente a alguns antropólogos resistentes ligados à sociobiologia, que ainda são adeptos que o estudo das relações interpessoais nos vários tipos de símios tem importância fundamental para o ciência da humanidade.

Lembremos que Franz Boas, o mais influente “etnólogo” americano deste século, trabalhava oficialmente como antropólogo físico, havendo universidades americanas onde se pretende que os departamentos de antropologia se devam ocupar de toda a ciência do

⁹¹ CASAL, Adolfo Yáñez, *Para uma Epistemologia do Discurso e da Prática Antropológica*, Edições Cosmos, Lisboa, 1996, p. 19.

homem. Semelhanças idênticas acontecem em instituições periféricas, como o Museu do Homem, em Paris ou o Museu de História Natural de Nova York, onde tanto a etnologia como a antropologia física se complementam.

Os grandes problemas da Antropologia contemporânea em grande parte continuam a ser os mesmos do século dos dois últimos séculos. Paradigma disto mesmo é a problemática das diversas combinações dos genes responsáveis pelas variações do tipo morfológico; as dimensões e formas do corpo, cor e forma dos cabelos, pigmentação da pele, se têm alguma influência na inteligência inata dos indivíduos.

Até ao momento não existem quaisquer provas de que um determinado grupo físico ou étnico, tenha tendência para pensar de uma determinada maneira, bem pelo contrário, todo o material experimental disponível indica que qualquer ser humano na infância adoptará a maneira de pensar inerente à língua e cultura onde é criado.

No estudo histórico que realizei, senti e detectei uma carga de racismo crescente à medida que vamos entrado nas primeiras décadas do nosso século XX, da parte dos nossos antropólogos físicos, em especial os que se encontram restritos às ciências médicas, com a proliferação crescente das missões e estudos étnicos feitos no Ultramar.

O romantismo e o “mito do bom selvagem”, parece-me terminados a partir dos primeiros anos da República. Parafraseando Edgar Morin acerca das diferenças dos resultados de inteligência, que possam traduzir estatisticamente as diferenças e aptidões entre as pessoas ele diz “supor que isso pode garantir, teria uma significação miserável para o racismo, que pretende sempre traduzir a diferença em hierarquia, e que exprime a sua inferioridade moral, por meio de um complexo de superioridade⁹²”.

⁹² MORAN, Edgar, ob. cit., p. 203.

BIBLIOGRAFIA

Apresenta-se de seguida uma extensa bibliografia de fontes impressas e obras de consulta, que tem como finalidade propor uma investigação reflexiva e crítica, sobre a epistemologia antropológica física e etnológica.

- ALBUQUERQUE, Rolanda Maria, *Estudos antropológicos da mandíbula nos portugueses*, Cont. Est. Antrop. Port. 5, 3: 65, 1952.
- ALBUQUERQUE, Ruy, O pensamento colonial de Oliveira Martins, in Ver. Do Gabinete de Estudos Ultramarinos, Lisboa, 1954.
- ALMAÇA, Carlos, *A evolução dos hominídeos*, Natura 1, Lisboa, 1971.
- Uma controvérsia antropológica de 1881 (Oliveira Martins e Eduardo Burnay)*, Museu Nac. de Hist. Natural, Lisboa, 1995.
- As classificações zoológicas – aspectos históricos*, Museu Nac. de Hist. Natural, Lisboa 1991.
- Evolotutionism in Portugal*, Museu Nac. de Hist. Natural, Lisboa, 1993.
- AGUIRRE, Emiliano, *Documentacion fosil de la evolucion humana*, Madrid, 1966.
- ARAMBOURG, Camile, *La génesse de l'Humanité*, Paris, 1965.
- ARSUAGA, Juan Luis de, *Alguns aspectos del complejo pelvifemoral en los hominídeos*, II Symp. Antrop. Biol. España, Oviedo, 1980.
- BARRADAS, J. Perez, *Manual de antropologia*, Madrid, 1946.
- BARREIRA, Cecília, *Sondagens em torno da cultura e das ideologias em Portugal (sécs. XIX-XX)*, ed. Polemos, Lisboa, 1983.
- BERNARDI, Bernardo, *Antropologia*, Editorial Teorema, Lisboa, 1986.
- *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, Edições 70, Lisboa, 1978.
- BERTALANFFY, L. von, *General System Theory Foundations, developments, applications*, New York, 1968.
- BOMBARDA, Miguel, *Contribuição para o estudo dos microcéfalos*, Lisboa, 1894.
- BREUIL, H. e ZBYSZEWSKI, G., *Revision des industries mésolithiques de Muge et de Magos*, Com. Serv. Geol. Port. 28: 149, 1947,
- BROCA, Paul, *Memoires d'Anthropologie*, Paris, 5 vols., 1871 a 1888.

- BUFFON, conde de, *Histoire naturelle, générale et particulière*, Imprimerie Royale, (trad. port. Minerva, Lisboa-Famalição 1941), Paris, 1749-1804.
- BURNAY, Eduardo, *Da craneologia como base de classificação anthropologica*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1880.
- CABRAL, Manuel Villaverde, *Portugal na Alvorada do Século XX*, Lisboa, 1979.
- CAMPBELL, B. G., *Human evolution: na antroduction to man's adaptation*, Chicago, 1969.
- CARQUEJA, Bento, *O povo português*, Porto, 1916.
- CANDEIAS, A., *A vida e obra de Darwin*, Cosmos, Lisboa, 1943.
- CASAL, Adolfo Yáñez, *Para uma epistemologia do discurso da prática antropológica*, Lisboa, 1996.
- Arqueologia e Antropologia – Perspectivas de Interdisciplinidade, Leba n.º7, CDU-902 3:9, Lisboa, 1992.
- CARDOSO, A. Fonseca, *Nota sobre uma estação cheleana do vale de Alcântara*, Rev. Cienc. Nat. E Soc., Porto, 1895.
- *O Minhoto entre o Cávado e o Âncora*, Portugália, Porto, 1898.
- CARVALHO; Rómulo de, *História do ensino em Portugal*, Fund. Cal. Gulbenkian, Lisboa, 1996.
- CHAVANNES, A., *Anthropologie, ou Science Générale de l'Homme*, Lausanne, 1788
- COMAS, Juan, *Manual de antropologia física*, México, 1966.
- COMTE, A., *Cours de Philosophie Positive*, tomo I, Paris, 1926.
- CORRÊA, Mendes, *O metopismo e a evolução das formas cranianas*, Portugal Médico, 1919.
- *Sur la frequence de l'occipitalisation de l'atlas*, R. Mem. Soc. Biol., 1927.
 - *O índice cefálico nos criminosos portugueses*, na. Cient. Acad. Pol. Porto, 7: 214, Porto, 1912.
 - *Contribuição para o estudo antropológico da população da Beira Alta*, na Cient. Acad. Pol. Porto, 10: 77, Porto, 1915.
 - *Sobre a platcnemia, sua frequência e sua origem*, Portugal Médico, 9, Porto, 1915.
 - *Antropologia, Lições*, Fac. Ciênc, Porto, 1915.
 - *Antropologia da Beira Alta*, O Instituto, 44, 6, Porto, 1917.
 - *Os povos da Lusitânia*, Geog. Arq. Antrop. 1: 390, 1924.

- *Concheiros mesolíticos de Muge, vale do Tejo*, Arq. Anat. Antrop. 3: 321, 1917.
 - *As origens humanas*, A medicina moderna, 304, Porto, 1919.
 - *Uma invasão pré-histórica na Península Ibérica*, A Águia, 24, 19/ 20: 19, 1924.
 - *As diferenças sexuais nos esqueletos portugueses*, Cong. Coimbra, Ciências Naturais, 1925.
 - *A Escola Antropológica Portuense*, Lisboa, 1941.
- COSTA, F. A. Ferreira da, *Da existência do homem em épocas remotas no vale do Tejo*, Serv. Geol. Portugal, 1865.
- COPANS; Jean, e outros autores, *Antropologia ciência das sociedades primitivas?*, Lisboa, 1974.
- CUNHA, A. Xavier da; *Evolução dos hominídeos*, Antropogenese, Ver. Est. Gerais Univ. Moçambique, 1964.
- Contribuição para a antropologia dos povos de cultura campaniforme em Portugal*, Cont. Est. Antrop. Port., 1956.
- Contribution à l'histoire de l'Anthropologie physique au Portugal*, contrib. Estudo Antrop. Port. II, 1, 1928.
- CUNHA, J. G. Barros, *O valor dos métodos indirectos de calcular a capacidade craniana*, Arq. Anat. Antrop., 19: 589, 1938.
- *Contribuição para o estudo do índice facial português*, Arq. Anat. Antrop., 1948.
- CUNHA, Norberto, *Sobre a natureza e as suas desigualdades em Oliveira Martins*, Revista Diacrítica 10, Braga, 1995.
- DAMÁSIO, A. R., *Neurologia da linguagem*, Lisboa, 1963.
- DARWIN, Charles, *On the origins of species by means of natural selection*, Londres, 1859.
- The descent of Man selection in relation to sex*, Londres, 1871.
- DELAUNAY, P., *La Zoologie au Seizième Siècle*, Paris, 1962.
- DELGADO, Nery, *La grotte de Furninha a Peniche*, Cong. Int. Archeol., 1880, Lisboa.
- *Considerações acerca dos estudos geológicos em Portugal*, Com. Serv. Geol. Portugal, I, 1883.

- *Notícias acerca das grutas da Cesareda*, Acad. Real de Ciências, Lisboa, 1867.
- Notice sur les grottes de Carvalhal d’Aljubarrota*, Com. Serv. Geol. Port, 1900.
- DIAMOND, S. *In Search of the Primitive*, Transactions Books, New Brunswick N. J., 1974.
- DIAS, Jorge, *Os macondes de Moçambique – aspectos históricos e económicos*, IICT, Lisboa, 1998.
- Algumas considerações acerca da estrutura social do povo português*, Actas. do 1.º Congresso de Etnografia e Folclores, Lisboa, 1963.
- DURKHEIM, E., *Quid Secundatus Politicæ Scientiæ Instituendæ Contuleric*, Gounoilhoy, Bordeaux, 1892.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI, vol. 5: *Anthropos*, Lisboa, 1985.
- EVANS-PRITCHARD, *Antropologia Social*, Edições 70, Lisboa, 1978.
- FERREIRA, António Aurélio da Costa, *Crânios portugueses*, Coimbra, 1902.
- *Sobre o índice platicnémico de alguns esqueletos portugueses*, Arq. Anat. Antrop, 1914.
- FERREIRA, O. Veiga, *Acerca dos conhecimentos de medicina e da cirurgia na antiguidade*, Arq. Port, III, 1969.
- FONTES, Joaquim, *O Homem fóssil em Portugal*, Lisboa, 1923.
- FOUCAULT, M., *Les mots et les choses*, Gallimard, Paris, 1966.
- FRASSETTO, F., *Lezioni di Antropologia*, Milano, 1918.
- GOMES, Felismino Ribeiro, *O prognatismo dos portugueses*, Cont. Est. Antrop. Port., 1914.
- GRAMSCI, A., *Quaderni del carcere*, Einaudi, Torino, 1975.
- GUIART, Jean, *Chaves da Etnologia*, Zahar, Rio de Janeiro, 1973.
- GUTHRIE, D., *História de la Medicina*, Barcelona, 1953.
- HARRIS, M., *The Rise of Anthropological Theory, A histoire of theories of culture*, Crowell, New York, 1968.
- HERKOVITS, M. J., *Antropologia Cultural*, São Paulo, 1975.
- HODGEN, M. T., *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1964.
- HULSE, F. S., *The human species: na introduction to physical anthropogy*, New York.

- JACK, Goody, *Domesticação do pensamento Selvagem*, Lisboa, 1988.
- JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira, *Arqueologia portuguesa do séc. XX – alguns tópicos para um balanço*, Trab. Antro. Etnol., SPAE, 36, Porto, 1996.
- KELSO, A. J. *Antropologia física*, Barcelona, 1978.
- KLUCKHOHN, Clyde, *Antropologia*, México, 1970.
- LAFITAU, J. F., *Moeurs des sauvages amériquains, comparées aux mœurs des premiers temps*, Paris, 1724.
- LAMARCK, J. B., *Philosophie zoologique*, Paris, 1809.
- LEAL, Raul, *Sociologia de Oliveira Martins*, Porto, 1945.
- LEMOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal*, 2 vols., Porto, 1899.
– *Estudos de História da Medicina Peninsular*, Porto, 1916.
- LEVI-STRAUSS, Claude, *Anthropologie structurale*, Paris, 1958.
Les structures élémentaires de la parenté, Paris, 1967.
La pensée Sauvage, Paris, 1962.
Le totémisme aujourd’hui, Press Universitaires de France, Paris, 1962.
- LICHTENTHAELER, C., *Histoire de la Médecine*, Paris, 1978.
- LIMA, Mesquitela, *O dilúvio africano*, Luanda, 1972.
A arte negra africana, Lisboa, 1981.
Antropologia ou entropologia?, Lisboa, 1979.
- LINEU (C. von Linné), *Systema Naturae*, Haak, Leiden, 1735.
- LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade/Psicanálise mítica do destino português*, Lisboa, 1978.
- LOWIE, Robert, *Histoire de L’Ethnologie Classique*, Paris, 1970.
- MACEDO, Francisco Feraz de, *Crime et criminal*, Lisboa, 1892.
- MACHADO, Bernardino, *Apontamentos de antropologia (1895-1892)*, Coimbra, 1995.
– *Princípios de antropologia*, Arq. Mun. Bernardino. Machado, V. N. de Famalição.
Pela liberdade, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1901.
- MARTINS, Guilherme d’Oliveira, *Oliveira Martins, uma biografia*, Imprensa Nac. Casa da Moeda, Lisboa, 1986.
- MARTINS, Oliveira, *Elementos de Antropologia – história natural do homem*, Lisboa, 1881.

- Portugal em África, Guimarães & C.^a editores.
Raças Humanas (2 vols.), Guimarães & C.^a editores.
Elementos da Antropologia Humana, Guimarães & C.^a editores.
Quadro das instituições primitivas, Guimarães & C.^a editores.
- MALSON, L., *Les enfants sauvages*, Paris, 1964.
- MALINOWSKI, Bronislaw, *Uma Teoria Científica da Cultura*, Zahar, Rio de Janeiro, 1962.
- MAUSS, Marcel., *Sociologie et anthropologie*, Paris, 1985.
Essais de Sociologie, Paris, 1971.
Introducción a la Etnografía, Madrid, 1971.
- MAYR, E., *Animal species and their evolution*, Londres, 1963.
– *The growth of biological thought*, Cambridge, 1982.
- MENDES, J. Cardia, *As origens do homem, bases anatómicas da hominização*, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1985.
- MERCIER, Paul, *História da Antropologia*, Editora Teorema, Lisboa, 1986.
Contribuição para o estudo do osso mandibular, Arq. Anat. Antrop., 29: 343, 1956.
- MONTAGU, Ashley, *Introdução à antropologia*, S. Paulo, 1969.
- MORGAN, Lewis, *Ancient Society or, Research in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*, Kerr, (trad. port. Presença), Chicago, 1877.
Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family, Washington, 1871.
A Sociedade Primitiva, Editorial Presença, 2vols., Lisboa, 1973-1974.
- MORIN, Edgar, *Le paradigme perdu: la nature humaine*, Paris, 1973.
Le méthode, vol. 1, Paris, 1977.
- NADEL, S. F., *Fundamentos de Antropologia Social*, México, 1974.
- OLIVIERA, Georges, *Anatomie anthropologique*, Paris, 1965.
- OLIVEIRA, F. de Paula, *Antropologia pré-histórica*, Lisboa, 1881.
– *Notes sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission de Travaux Geologiques*, Com. Trav. Geol. Portugal, 1888.
Caracteres descritivos dos crânios de Cesareda, Com. Trav. Geol, Portugal, 1889.

- PENALVA, Carlos, *A "pebble culture" de tradição africana em Portugal*, C. Serv. Geol. Portugal, 65: 215, 1979.
- PETTY, W., *The Petty Papers*, Constable, London, 1927.
- PRICHARD, J. C., *Researches into the Physical History of Mankind*, Arch, London, 1813.
- POIRIER, Jean, *História da Etnologia*, Editora Cultrix, São Paulo s/d.
- POULLON, *Race et histoire*, Paris, 1967.
- RADECHIFFE-BROWN e FORD, Daryll, *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento*, Fund. Gulbenkian, Lisboa, 1974.
- RAPOSO, Luís e SILVA, António Carlos, *A linguagem das coisas – ensaios e crónicas de arqueologia*, Lisboa, 1996.
- RIBEIRO, Carlos, *Discrção de alguns sílex e quartzites lascados, encontrados nas camadas dos terrenos do terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado*, Acad. R. Ciências de Lisboa, Lisboa, 1871.
- RIBEIRO, Sebastião de, *Sobre os métodos de avaliação da robustez física*, Ver. Est. Centro Demográfico, II, 1958/ 1959.
- ROCHE, J, *Les fouilles des amas coquilliers de Muge*, Bol. Soc. Geolog. Portugal, 10: 145, 1953.
- *Les collections mesolithiques du musée des services géologiques du Portugal – Cabeça de Aruda*, Com. Serv. Geol. Port. 51: 221, 1967.
- ROMA, Ernesto, *A microcefalia*, Lisboa, 1913.
- SACARRÃO, G., *Curso de biologia*, MEIC, Lisboa, 1972.
- SANTOS, M, Farrinha dos, *Pré-história de Portugal*, Lisboa, 1972.
- Vestígios de pinturas rupestres descobertas na gruta do Escoural*, Arq. Portug. II, 1964.
- SAPIR, Edward, *Le Langage*, Paris, 1970.
- *Anthropologie*, Paris, 1971.
- SERRANO, José António, *Tratado de osteologia humana*, Lisboa, 1897.
- SEVERO, Ricardo, *O ossuário da freguesia de Ferreiro*, Portugália, 1: 177, Porto, 1899.
- SIMPSON, G. G., *The meaning of evolution*, New Haven, 1949.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da, e outros autores, *Pré-história de Portugal*, Universidade Aberta, Lisboa, 1993.
- SPENCER, H., *Social Statics*, Williams and Norgate, London, 1851.

- SPRANGER, E., *Formas de Vida*, Madrid, 1972.
- SUEIRO, Manuel Barbosa e ROGADO, Luís Quintino, *Estudo morfológico duma caveira esferocéfala*, Soc. Anat. Port., 1960, Porto.
- TEIXEIRA, Carlos, *A Paleontologia e a origem do homem*, Lisboa, 1967.
- TOPINARD, Paul, *L'Anthropologie*, Paris, 1879.
Éléments d'Anthropologie générale, Paris, 1885.
- TITIEV, Mischa, *Introdução à Antropologia*, Fundação Gulbenkian, Lisboa, 1972.
- TYLOR, E., *Primitive Culture*, Londres, 1929.
On a Method of Investigation the Development of Institutions: Applied to Laws of Marriage and Descent, in "Journal of the Royal Anthropological Institute", XVIII, 1889.
- TYSON, E., *Orang-Outang, sive Homo silvestris, or the anatomy of a pigmie*, London, 1699.
- YOUNG, J. Z., *Antropologia física. Introdução al estudio del hombre*, Barcelona, 1976.
- VASCONCELOS, J. Leite de, *As religiões da Lusitânia*, Lisboa, 1980.
Etnografia portuguesa, Lisboa, 1933.
- VICO, G., *La Scienza nuova giusta*, l'edizione del 1744, Laterna, Bari, 1967.
- VILHENA, J. *As raças históricas da Península Ibérica e a sua influência no direito português*, Arq. Anat. Antrop. 22: 295, 1943.
- WEBER, M., *Essais sur la théorie de la Science*, Paris, 1992.
- WIERNER, N., *Cybernetics, or Control and Communication in to Animal and the Machine*, Wiley, New York, 1948.
- WILSON, E. O., *Sociobiology: the new synthesis*, Harvard University Press, Cambridge Mass, 1975.
- ZBYSZEWSKI, G., *Conhecimentos actuais sobre o paleolítico português*, Arq. E História, Lisboa, 1966.
- ZITEL, Karl A., *Arquivos de anatomia e de antropologia*, Lisboa, Faculdade de Medicina.
– *Contribuição para o estudo antropológico dos portugueses*, Coimbra, Instituto de Antropologia.